

P2

Levamos o iPad para a cama e, de manhã, deixamos de ir ao quiosque Págs. 4/7



● Sabe-se que os leitores que gostam de ler o *The New York Times* impresso, lêem o jornal de manhã e os que o lêem no *tablet* preferem fazê-lo à noite. “Quantos de vocês levam o iPad à noite para a cama?”, perguntou Arthur Sulzberger, o presidente do *The New York Times*, na conferência que fez, antontem, na London School of Economics and Political Science, em Londres, Reino Unido.

“Esta é uma das razões por que os nossos níveis de envolvimento dos leitores estão altos. Este aparelho trouxe-nos um novo período do dia. Podemos, literalmente, ir para a cama com o nosso público”, acrescentou. E confessou: “Não é segredo nenhum que nós, juntamente com toda a imprensa, estávamos preocupados com o facto de o iPad – mais do que com qualquer outro aparelho digital – poder canibalizar o impresso, por isso estamos muito contentes por ver que os utilizadores do iPad estão a ler-nos mais do que nunca.”

Os *tablets* fizeram mudar as rotinas de muitos. O P2 quis saber como é que utilizadores do iPad, portugueses e brasileiros, estão a consumir conteúdos nos seus aparelhos. Fizemos um pequeno inquérito a jornalistas, escritores, críticos, agentes literários, editores até a alguém que trabalha em moda.

O iPad de Olga Barrisco “veste Prada” e ela leva-o na mala para todo o lado, o de Ricardo Costa é “fraquito”. Pacheco Pereira é fanático pelas aulas do iTunes U. O escritor brasileiro Paulo Roberto Pires, que nunca jogou, viciou-se no Angry Birds. O editor Manuel

Alberto Valente usa-o como se fosse um portátil e Paulo Ferreira começa a trabalhar mal chega à paragem do autocarro. A jornalista brasileira Cora Rónai não sabe como vai resolver o problema de coleccionar a *National Geographic* virtual. E para José Mário Silva é uma alegria descarregar a *The New Yorker* às segundas-feiras. Já a agente literária brasileira Lucia Riff confessa que foi o iPhone que mudou a sua vida.

Indisponíveis para pagar

Dezoito meses depois do lançamento do primeiro iPad nos EUA, dez por cento dos americanos possuem um *tablet* (mesmo que não seja o da Apple). A maioria usa-o todos os dias, em média, 90 minutos. Mais de metade dos que têm um *tablet* (53%) consomem informação noticiosa no aparelho. Não ficam só pelas parangonas e títulos, lêem também os artigos longos. Aliás, esta actividade está entre as mais populares no uso do *tablet*, muito próxima da consulta e envio de *email*, mais popular do que o usar para as redes sociais ou para ler livros ou ver filmes.

Trinta por cento dos que lêem notícias no *tablet* passam mais tempo a lê-las agora, mais do que quando não tinham o aparelho. Mas a maioria diz que não está disposta a pagar para ler conteúdos noticiosos nestes aparelhos. E prefere ler as notícias através do *browser*, ou seja, a navegar na Internet, do que através das aplicações criadas especificamente pelos jornais ou revistas.

Estas são as conclusões de um estudo conduzido este Verão

pelo Projecto para a Excelência no Jornalismo do Centro de Investigação Pew em colaboração com o grupo *The Economist* e que foi divulgado a semana passada no *Journalism.org*. “Se as pessoas vão pagar por conteúdos *online*, parece ser um desafio mesmo quando se trata de *tablets*. Só 14% das pessoas que consomem informação noticiosa neste aparelho pagaram directamente para terem acesso à informação no *tablet*. Os outros 23% já tinham assinaturas de jornais impressos ou de revistas que incluem o acesso *online*”, explicam no artigo *The Tablet Revolution* que está disponível no *Journalism.org*.

Entretanto o Audit Bureau of Circulations divulgou o relatório que analisa a circulação de jornais norte-americanos nos últimos seis meses (até 30 de Setembro). A circulação dos jornais em papel continua a diminuir, mas as assinaturas digitais e, principalmente, as edições impressas de fim-de-semana estão a aumentar. Por exemplo, desde que o *The New York Times*, na Primavera, passou a ter acesso *online* pago, as assinaturas para a versão digital aumentaram para o triplo, para 380 mil. Em Portugal, quanto a assinatura digital de Janeiro a Agosto deste ano, de acordo com a Associação Portuguesa Para o Controlo de Tiragem e Circulação (APCT), o *Expresso* tem, em média, 2089 assinaturas por mês (2% da circulação paga); o PÚBLICO tem 1231 assinaturas por mês (3% da circulação paga); o *i* 1038 assinaturas por mês (12%) e a *Visão*, 912 (0,9% de circulação paga). No caso do PÚBLICO, a aplicação para iPad

não é paga, por isso ainda não faz parte destes dados. No entanto, no mês de Outubro foram feitos 21 mil *downloads* da aplicação para leitura do jornal e sabe-se que 5500 leitores acedem ao PÚBLICO através da aplicação numa base regular. A partir de Dezembro estará disponível uma nova aplicação com mais funcionalidades e num regime de subscrição paga.

Na Europa, um dos *sites* mais visitados é o do jornal britânico *The Guardian*. Sabe-se que até ao final do ano a versão impressa do jornal britânico vai ter menos páginas – para diminuir custos – e conter mais análise. Um artigo do *Der Spiegel* dizia que a decisão é que “agora cada libra seja investida nas operações *online*”. A publicação alemã, Alan Rusbridger, o director do *The Guardian*, defendia que a ideia de cobrar conteúdos aos leitores *online* é como tentar aplicar tradições ultrapassadas ao mundo digital. “O novo mundo digital é um mundo aberto que envolve leitores”, afirmava. Por isso o *The Guardian* está por agora gratuito, todos os dias, no iPad. Embora já não seja gratuito para quem acede através de um telemóvel, como o iPhone. Outro dos jornais que ainda estão gratuitos no iPad, apesar de já não o ser nas outras plataformas, é o brasileiro *Folha de S. Paulo*, ao contrário dos outros jornais brasileiros que já cobram no *tablet*.

Desde que a Apple lançou o iOS5 em Outubro, os utilizadores do iPad e do iPhone passaram a ter mais organizadas as suas assinaturas de revistas e jornais numa pasta chamada Quiosque,

que permite aceder às publicações rapidamente. A partir dali também é possível fazer assinaturas ou compras de números avulsos. À medida que estão disponíveis novos exemplares, o Quiosque actualiza-os automaticamente e avisa o leitor no iPad mostrando-lhe a capa mais recente. “É como receber o jornal à porta de casa. Mas melhor”, diz a Apple.

Olga Barrisco

Chefe da equipa de *sitting* da ModaLisboa

“O meu iPad veste Prada” é a assinatura que a portuguesa Olga Barrisco, que trabalha na Moda Lisboa, tem no final dos *emails* que envia do seu *tablet*. Começou por ser uma brincadeira e ficou. A chefe da equipa de *sitting* da ModaLisboa tem um iPad 3G primeira geração, desde o primeiro dia em que os aparelhos estiveram à venda em Portugal. Na mala do dia-a-dia, antes de comprar o *tablet*, Olga tinha sempre, além do essencial, um livro, um jornal ou uma revista, canetas e lápis, um caderno para desenhar e escrever e uma agenda Moleskine. Tudo foi substituído pelo iPad.

Lê jornais e revistas no aparelho: “Nunca mais comprei um jornal [em papel]”, diz. Não assina nenhum, opta por comprar número a número. Entre as suas leituras estão os portugueses PÚBLICO, *Diário de Notícias*, *Sol*, *Expresso*, *Visão*, *Sábado*, *Exame*. E as estrangeiras *National Geographic*, *Vogue*, *Vanity Fair* e *Elle*. Consulta ainda a CNN, a RTP1, a TSF, a Tvi24, a Banca Sapo (onde ficam disponíveis

Quando o quiosque passou a ser o

iPad

Quem tem um *tablet* lê mais notícias do que lia antigamente. Enquanto a circulação dos jornais impressos tem baixado, as edições *online* parecem estar a conseguir mais assinantes. Apesar de a maioria não estar disposta a pagar pelos conteúdos. Fomos saber como alguns portugueses e brasileiros estão a consumir revistas, jornais e livros no iPad. *Por Isabel Coutinho*



diariamente as capas dos jornais e revistas portuguesas) e o *Daily News*. Ao contrário dos norte-americanos citados no estudo, Olga Barrisco prefere fazer as suas leituras nas aplicações em vez de utilizar o Safari, o *browser* do *tablet* da Apple. Quando comprou o iPad, os únicos livros que existiam em português eram “os nossos clássicos de sempre com uma tradução estranha”, mas achou graça estar a ler. Por isso descarregou obras de Eça de Queirós, Luís de Camões, Shakespeare e alguns de História de Portugal. “Consegui um livro que estava esgotado na FNAC na altura e que queria muito, *The letters of Mozart*, em dois segundos! Os livros ainda continuo a ler e comprar em papel porque adoro, mas se vou de viagem, no comboio, por exemplo, leio no iPad. É o meu contributo para o planeta: gasta-se menos papel”.

Ricardo Costa

Director do semanário *Expresso*

Desde o final do ano passado, por razões profissionais, Ricardo Costa tem “um iPad de trabalho”. O jornal *Expresso* passou a estar disponível em iPad desde a edição 2000, em Fevereiro, e isso alterou várias rotinas na redacção do semanário. “É um modelo iPad1 de 16 GB, dos mais fraquitos. Mas serve”, diz. O uso que Ricardo Costa tem dado ao seu iPad ao longo deste ano tem aumentado de forma constante: “No princípio, o iPad fica a meio caminho entre um *smartphone* e um portátil. Mas vai substituindo o portátil, pouco a pouco. Com a →

“

Não é segredo nenhum que nós, juntamente com toda a imprensa, estávamos preocupados com o facto de o iPad – mais do que com qualquer outro aparelho digital – poder canibalizar o impresso, por isso estamos muito contentes por ver que os utilizadores do iPad estão a ler-nos mais do que nunca.

Arthur Sulzberger, presidente do *The New York Times*

”

aplicação da Dropbox [que permite armazenar ficheiros na nuvem e acedê-los a partir de computadores, telemóveis ou *tablets*] isso acaba por ser relativamente fácil. Ando a tentar largar os Molekines – o Penultimate, aplicação que permite escrever no ecrã com o dedo, faz bem as vezes – mas não gosto, preciso de escrever.”

Apesar de o jornalista já ler muita coisa no iPad, continua a consumir quilos de papel. “Sou muito gradual nessa opção”, diz. No iPad só assina o *The Economist* e o *Financial Times*, porque os lê com grande regularidade. Outras revistas, vai comprando caso a caso, uma ou outra, a *Wired* ou a *Time*, sobretudo.

Embora Ricardo Costa saiba que, “numa primeira fase, o iPad impressiona pelas potencialidades audiovisuais”, o director do semanário *Expresso* acabou por estabilizar a suas rotinas “em jornais e revistas que têm uma abordagem mais clássica, com pouco vídeo e boas fotografias.”

Uma das aplicações de que mais gosta é a TED, onde se podem ver os vídeos das conferências, as TEDTalks. “O iPad é o meio ideal para aquele formato”, considera o jornalista.

“O meu filho Vicente [12 anos] já comprou livros na aplicação da Leya e diz que prefere o iPad a ler em papel, o que não me surpreende. Eu não o consigo acompanhar: comprei o *Civilization: The West and the Rest*, do Niall Ferguson, mas ainda só li dois capítulos. Não acho o iPad muito confortável para ler livros, excepto em viagens ou férias. Mas sei que é uma questão de tempo.”

Paulo Ferreira

Director-geral da Booktailors – Consultores Editoriais

O autor do romance *Onde a Vida se Perde*, da Quetzal, tem um iPad2 (WI-FI, 32gb), desde o início de Junho e garante que mudou por completo a forma como trabalha e acede à informação. Usa-o cada vez mais. “O PÚBLICO só leio no iPad (sou assinante do jornal em PDF), o *Expresso* também. A *Visão*, a *Sábado*. Alguns números de imprensa internacional (*The New Yorker*, por exemplo, mas não tenho assinaturas de revistas internacionais). Recentemente percebi que a argentina *N*, uma das minhas revistas preferidas de cultura, está disponível para *download* de forma gratuita. Estive quatro dias a ler as várias edições disponibilizadas.”

Paulo Ferreira assina bastantes revistas impressas e pondera de futuro, depois de as assinaturas físicas expirarem, vir a assiná-las apenas no iPad. Prefere fazer a leitura nas aplicações criadas para o efeito porque têm mais-valias: som, vídeo, etc. Mas, por outro lado, é mais difícil arquivar um artigo de que gosta se for lido na aplicação. “Se fizer a leitura em PDF, posso abrir o documento com uma aplicação própria e sublinhar o que quero. Ter uma caneta para iPad, e eu tenho uma, ajuda a este trabalho de sublinhar”, explica. Para guardar páginas de jornais que lê no iPad, faz *print screen* (é só carregar nos dois botões do iPad). “Depois pego nessa imagem e envio, usando o *mail* do iPad que funciona muito bem, para um endereço de *email* onde guardo o *clipping*.”

Ainda em relação a acesso a conteúdos, considera a aplicação Zite fundamental. “Trata-se de uma revista personalizada (cada dia há uma nova) a partir de indicadores definidos por mim. No caso, por um lado, acedo a informações de relevância profissional (*publishing, writing, Kindle*), mas também pessoal e lazer (*marathon, exercise*), etc.” Recentemente descobriu o *Trove*, que é parecido.

Paulo deixou praticamente de ligar o computador de casa e considera o iPad, pela sua dimensão e peso, a companhia perfeita para viagens de trabalho. “Uso muito o iPad para trabalho – deixei de ter viagens mortas. Ligo o iPad pela net do iPhone e começo a trabalhar no momento em que me sento na paragem de autocarro (para ir trabalhar)”.

José Pacheco Pereira

Historiador

Comprou um iPad de primeira geração, no Luxemburgo, dois ou três meses antes de o aparelho chegar a Portugal. O ano passado não resistiu e adquiriu um iPad2, em Nova Iorque, EUA. O uso que faz do iPad tem vindo a aumentar consistentemente. Além de o utilizar

para consultar o *email* e fazer consultas ocasionais na Internet, usa algumas aplicações (como a meteorologia, anotações, *scanner*, astronomia), mas acima de tudo o aparelho serve-lhe para as aulas e outros materiais do iTunes U, nas quais gasta entre meia e uma hora por dia. O uso que faz do aparelho em viagem é “diferente e mais intenso”: mapas, GPS, roteiros, restaurantes, livrarias, etc., passa tudo pelo iPad. “As duas grandes mudanças foram, no quotidiano, as aulas; nas viagens, a gestão da viagem, rua a rua, cidade a cidade”, explica o cronista do PÚBLICO. José Pacheco Pereira, autor do blogue *Abrupto* (<http://abrupto.blogspot.com/>), por ter o *tablet* não deixou de comprar nada, nem sequer diários a que tem acesso integral na Internet. “Pelo contrário, acabei por comprar mais livros que estão relacionados com as aulas (por exemplo, os de Dale Martin sobre a interpretação da Bíblia e uma história do *whiskey* que foi apresentada numa palestra na Library of Congress que também está no iTunesU)”.

O autor de *Álvaro Cunhal, Uma Biografia Política*, editada pela Círculo de Leitores, assina várias revistas e compra jornais nas bancas. “O formato papel permite

uma leitura melhor do ponto de vista visual, uma procura mais fácil quer nos livros, quer nas revistas. Não quer dizer que não leia no iPad jornais e revistas, mas quase não passo dos títulos, e de alguns fragmentos do texto”, explica.

Comprou a edição de *The Waste Land*, de T. S. Eliot, que não o convenceu inteiramente, e *The Elements*, de Theodore Gray. Este é, para ele, “o melhor exemplo até agora” do potencial dos livros em iPad. “A única coisa que posso acrescentar é o meu contínuo entusiasmo pelas aulas e outros materiais do iTunesU. Seguindo-se um ‘curso’ completo, entre 20 e 25 aulas de mais de uma hora, fica-se de facto a saber muito mais. Duas séries que já vi são absolutamente excepcionais: o curso de Dale Martin sobre o Novo Testamento (Yale) e o de Donald Kagan sobre a Grécia Antiga (também Yale).

Para quem não tenha tempo para ver tudo, as aulas sobre o Jesus e o Paulo ‘históricos’ (no curso de Dale Martin), e as de Donald Kagan sobre a democracia ateniense e sobre a guerra do Peloponeso são tudo aquilo que se pode esperar de um professor universitário de primeira. No iPad.”

Paulo Roberto Pires

Escritor brasileiro, editor da revista de ensaios *Serrote*, do Instituto Moreira Salles, e professor de Comunicação da Universidade do Rio de Janeiro

O ano passado, no blogue que mantinha no site da revista brasileira *Bravo*, Paulo Roberto Pires escreveu a crónica “O iPad é uma boa droga”. Começava assim: “Sabe aqueles livros de memórias, em que o sujeito narra sua luta contra o alcoolismo, as drogas ou a depressão? Eu estou prestes a escrever um, sobre a minha dispersão. Só que, é claro, não consigo começar de tão disperso que ando e até este blogue parei de actualizar. Anestesiado pelo senso comum, eu poderia listar dezenas de factores ‘estressantes’ que vêm me impedindo a concentração em um livro (a não ser estritamente a trabalho), filme ou aula (as que assisto, não as que dou, bem entendido). Mas, desta vez, a vida atribulada, clássico bode expiatório, não é a culpada. O responsável sou mesmo eu, mais exactamente a partir do momento em que resolvi comprar um iPad.”

O autor do romance *Se Um de Nós Dois Morrer*, publicado este Verão no Brasil pela Alfabeta, foi editor na Planeta e no grupo Ediouro e tem o seu iPad desde Maio de 2010. “O modelo hoje é antiquinho. Estou esperando o ‘3’ para trocar”, confessa. O uso que dá ao iPad tem aumentado ao longo do tempo. “Com o programa DocstoGo, prefiro o iPad ao *laptop* em viagens curtas. Já consigo escrever naquele teclado horrível. Vivo *clipping* coisas da Internet e transformo em PDF ou armazeno no Evernote, que uso quase diariamente. Aumentou minha leitura de artigos soltos. E, desgradamente, eu que não jogo nada com ninguém, viciei-me em drogas (leves) como o *Angry Birds*”. Deixou de comprar revistas e jornais estrangeiros e brasileiros em papel e agora lê tudo lá. “Como jornal de papel não leio há tempos, foi fácil. Tinha mais apego a revistas, mas agora, até por falta de espaço, prefiro o iPad. Assino a *New Yorker*, *Vanity Fair*, *Libération*, *New York Review of Books* (no Kindle for iPad) e compro avulso *Inrookuptibles*, *Le Monde* (*des Livres*, às sextas), *Globo* e *Estado de São Paulo*. E o que mais me despertou curiosidade.”

Prefere ler na aplicação, com “interacção, sobretudo quando há *clips* de música”. Mas ter disponível “o PDF [dos jornais] é útil para passar os intermináveis 50 minutos na ponte aérea para São Paulo”.

Quanto a livros, comprou no iPad: “Os pioneiros *Vooks* [edições digitais com áudio, vídeo, *links*, etc.] do Kafka e do Jack London mais para pesquisar (dou um curso na universidade sobre Livros e Novas Tecnologias). Fiquei viciado no *The Waste Land* e comprei o *On the Road*, mas não gostei. O livro de fotografias do Elliott Erwitt é fantástico, apesar de ‘careta’. O aplicativo do Ansel Adams [da Little, Brown and Company] é óptimo caminho para seguir. E agora estou trabalhando no primeiro aplicativo para o Instituto Moreira Salles, cujo tema ainda é segredo mas será um *enhanced book*, cheio de extras.” Fica a novidade.

Lucia Riff

Agente literária brasileira

Tem um Kindle, mas há alguns meses optou por comprar um *tablet*.



Olga Barrisco



Ricardo Costa



Paulo Ferreira



José Pacheco Pereira



Paulo Roberto Pires



Lucia Riff



Cora Rónai



José Mário Silva



Manuel Alberto Valente

“Comprei um iPad2 3G, no início de Agosto. Ainda me sinto uma aprendiz... Há dois anos que uso o iPhone, e este, sim, mudou a minha vida: passei a ver os *emails* a todo o instante, ler revistas, jornais... Passei a me sentir realmente conectada 100% do tempo.” É claro que o iPad tornou tudo bem mais fácil – “o leva e traz do *laptop*” – e “outra delícia é ler os manuscritos dos autores, muito mais confortável no iPad do que no iPhone ou no *laptop*.” Considera que para leitura de livros, jornais e revistas, o iPad é um “excelente” *e-reader*. Já fez primeiras assinaturas para o iPad. “O preço e a comodidade me farão ler mais revistas e jornais estrangeiros – o que será ótimo, claro. Ter montanhas de jornais em papel em casa aguardando leitura é um problema, um peso – já ter acesso a muitos jornais e revistas no iPad dá uma sensação de liberdade, de acesso ao conhecimento. Farei assinaturas do que for fundamental, e comprarei número a número dos demais. O tempo não é tanto assim...”

Lucia Riff diz que não tem muita paciência para interactividade ou para ver os vídeos, as fotogalerias. Gosta mais de ler artigos. No iPhone tem acesso a *O Globo*, *GloboNews*, *Veja*, *Época*, *Folha*, *Estadão* e ainda *Newsweek*, *CNN*, *Usa Today*, *NYTimes*, *Le Monde*. “Obviamente não leio tudo (não faria outra coisa na vida...)” – pegó só o que interessa na área de cultura, e leio muito selectivamente os assuntos que me chamam a atenção. Para o iPad ainda estou me organizando, vou querer publicações que tenham

a ver com o mercado editorial.” Quando Lucia Riff respondeu ao inquérito, “ainda” não tinha feito nenhuma compra de livros para o iPad. “Só ‘baixei’ livros em domínio público e meus manuscritos...”, explica.

Cora Rónai
Jornalista brasileira especialista em novas tecnologias, cronista de O Globo, autora de literatura infantil e autora do blogue internETC

Cora Rónai tem um iPad da primeira geração desde o final do ano passado. É a única de todos os entrevistados a possuir também um Samsung Galaxy Tab. E um Kindle: “Mas esse é, a meu ver, outra espécie de animal”, diz.

No início, a jornalista que no Brasil foi pioneira a escrever sobre tecnologia achou que ia usar o iPad apenas para brincar: “Que ia jogar *Angry Birds*, navegar à toa na Internet, essas coisas.” Nunca imaginou que ele se fosse tornar no seu *gadget* favorito. “A cada dia que passa, aparecem novos usos para ele. E, naturalmente, quanto mais tempo passo no *tablet*, menos passo no computador. Uma série de coisas que eu fazia sentada à minha escrivaninha hoje faço no sofá, antes de dormir ou andando pela casa...”, conta.

Deixou de comprar revistas estrangeiras e brasileiras em papel e passou a lê-las no *tablet*. Mas isso só lhe aconteceu com revistas; não gosta de ler jornais no *tablet*, e continua a ler os jornais brasileiros em papel. “Jornais estrangeiros já

não comprava, porque demoram a chegar ao Brasil, e há tempos eu já os lia pela Internet. Quanto às revistas, nunca mais comprei uma que fosse em papel, e olha que sempre comprei revistas aos montes”, confessa.

“A minha dúvida metafísica agora é a seguinte: eu colecionava os exemplares da *National Geographic*. Assine a revista virtualmente e não sei se conservo ou não os exemplares electrónicos! Acho que essa questão da *National Geographic* vai dar nós na cabeça de muita gente, porque nunca conheci ninguém que tivesse coragem de jogar os exemplares da revista fora...”, assegura.

Cora Rónai subscreveu várias revistas no seu iPad mas também compra exemplares avulsos daquelas que não assinou. “O que me deixa muito feliz é o mundo de possibilidades que se abriu com o *tablet*. Hoje assino a *India Today* (adoro me manter a par do que acontece por lá), por exemplo, revista que jamais chegou ao Brasil.” Além da *National Geographic* assina também a *The Economist*, a *American Photo*, a *MacWorld* e a *Travel+Leisure*. Compra eventuais exemplares da *Elle*, da *Vogue* e de toda a espécie de revistas de viagem e de *gadgets*. Quando há interactividade, como no caso da *National Geographic*, acha muito mais interessante.

Quanto a livros, Cora Rónai já comprou três: *The Elements*, de Theodore Gray, *Alice in Wonderland* e *The Fantastic Flying Books of Mr. Morris Lessmore*, que antes de ser um livro foi uma curta-metragem.

“São lindos. Compro pelo prazer da leitura, brincadeira, mas também, e talvez sobretudo, para ver em que direcção estamos caminhando no sector”, explica.

José Mário Silva
Jornalista, crítico literário, escritor, autor do blogue Bibliotecário de Babel

Tem um iPad desde finais de Abril (o modelo é o iPad2, de 16 GB, sem 3G). Quando o comprou já sabia vai utilizá-lo intensivamente, por isso não ficou surpreendido.

“Eu passo muito tempo na Internet, em navegações e escritas. Agora faço uma grande percentagem dessa utilização (talvez uns 70%) no iPad. Depois da euforia inicial, a utilização estabilizou um pouco, mas a tendência é para usar o aparelho cada vez mais (à medida que surgem novas aplicações que me interessam)”, conta. José Mário Silva ainda compra um jornal em papel de vez em quando, “para matar saudades”, mas já se habituou completamente à leitura da imprensa em *tablet*, que é muito mais ampla, rápida e satisfatória.

“O que notei foi um aumento do consumo pessoal de revistas e jornais estrangeiros, sobretudo os de língua inglesa”, afirma. Geralmente, compra número a número (o *Expresso*, a *Visão*, o *Nouvel Obs*, a *The Nation*), mas fez uma assinatura anual da *The New Yorker* e está muito satisfeito. “É uma alegria descarregar a nova edição, todas as segundas-feiras). Há ainda leituras que deixo para o Kindle, como os artigos longos da *The New York*

Times Book Review (assinatura).” Prefere ler na aplicação, com a interactividade – “É para isso que serve ter um iPad, certo?”. Quanto aos *enhanced books*, considera que ainda estão a dar os primeiros passos, mas já se encontram “algumas pequenas maravilhas”. Até agora, o crítico literário e editor literário do *Expresso* gostou particularmente de *Our Choice*, do Al Gore, e da *amplified edition* que a Penguin fez do *On the Road*, do Jack Kerouac.

Manuel Alberto Valente
Director editorial da Porto Editora

Começou por ter um iPad da primeira geração, só com *Wi-Fi*, importado de França. Comprou o iPad2 quando ele chegou a Portugal. “Não sou um utilizador típico: não leio nele livros, por exemplo, ou só leio para ver como funciona. No que toca ao livro, permaneço fiel ao impresso”, diz o director editorial da Porto Editora. Também não deixou de comprar jornais ou revistas em papel, mas usa o iPad para estar actualizado sobre a informação recente. “Não assinei nenhum jornal ou revista, mas já comprei um ou outro número de revistas, sobretudo francesas. Digamos que o iPad, para já, funciona para mim como um computador portátil: vejo os *emails*, leio os blogues, arquivo documentos de trabalho, ou outros, que considero importantes, preparo apresentações profissionais, etc. De qualquer maneira, e em conclusão, julgo que já me seria difícil viver sem ele.”



MUSEU DO ORIENTE

JOANA MACHADO
 “BLAME IT ON MY YOUTH” TOUR
 12 Novembro • 21.30 • € 12,00*

Um manifesto de regresso às origens. Falamos de pop, rock e r&b, estilos em que Joana Machado deu os seus primeiros passos. Aqui incarna os temas da sua juventude e as canções da actualidade, interpretando-os com incessante procura da beleza nas melodias, característica que a define.

* DESCONTO DE 25% A MENORES DE 30 ANOS E MAIORES DE 65;
 JANTAR E ESPECTÁCULO: € 25,00

INFORMAÇÕES E RESERVAS:
 213 585 244/200 • bilheteira@foriente.pt • Ticketline 1820 (24 horas) • www.ticketline.sapo.pt

mecenas principal BANCO ESPIRITO SANTO
 mecenas dos espectáculos Caixa Corvo e Bebidas
 www.museudooriente.pt
 FUNDAÇÃO ORIENTE MUSEU



À VOLTA DO BARROCO

TER 15 NOV
 21:00 SALA SUGGIA • € 10

ORQUESTRA BARROCA DA UNIÃO EUROPEIA
 “JOY AND SORROW UNMASKED”

Lars Ulrik Mortensen *cravo e dir. musical*
 Maria Keohane *soprano*
 Sebastian Philpott *trompete*

G.F. Händel *Cantata para soprano e cordas, HWV 230 “Ah! Che troppo ineguali”; Concerto Grosso, op. 6 n.º 2, HWV 320; Cantata sacca para soprano e cordas, HWV234 “Il Pianto di Maria”*
 Giuseppe Torelli *Sonata em Dó maior para trompete, cordas e baixo contínuo*
 J.S. Bach *Concerto Brandeburguês n.º 3 em Sol BWV1048; Cantata para soprano, trompete e cordas BWV51 “Juchzet Gott in allen Landen”*

MECENAS CASA DA MÚSICA
 MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA
 AGÊNCIA INSTITUCIONAL
 SOA&E BPI
 PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS
 Secretaria de Estado da Cultura

SEJA UM DOS PRIMEIROS A APRESENTAR HOJE ESTE JORNAL COMPLETO NA CASA DA MÚSICA E GANHE UM CONVITE DUPLO PARA ESTE CONCERTO. OFERTA LIMITADA AOS PRIMEIROS 10 LEITORES E VÁLIDA APENAS PARA UM CONVITE POR JORNAL E POR LEITOR.

www.casadamusica.com | www.casadamusica.tv | T 220 120 120